

Como Ser Perfeito

Excerto muito breve do livro de Michael Schur (*How to be Perfect*, editora Simon and Schuster, 2022), criador de *The Good Place* e *Parks and Recreation* e, entre outras coisas, coautor da versão americana da série cult *The Office*. Publicado originalmente em *Philosophie Magazine*, Paris, novembro de 2022. Tradução, Newton Cunha.

Hoje, você decidiu ser uma boa pessoa. Você não sabe por quê - você apenas acordou esta manhã cheio de entusiasmo, vigor e otimismo, e embora este mundo muitas vezes sempre pareça deprimi-lo, hoje você saltou da cama com o desejo de ser um pouco melhor hoje do que foi ontem. Quão difícil pode ser isso? Basta apenas algumas mudanças na maneira como você vive. Você sai, vê um copo de plástico na rua, o pega e coloca no lixo. Que sensação agradável! Ontem, você teria ignorado esse dejetos e seguido seu caminho, mas não hoje.

De agora em diante, você será melhor. Na mercearia, você paga um pouco mais por ovos de galinha e leite de vacas criadas ao ar livre, tratadas humanamente. Você sorri enquanto imagina vacas felizes pastando em boa grama natural, em vez de estarem presas em uma fazenda de estilo industrial. Então você se lembra de ler um artigo lamentando o impacto da carne bovina industrial na mudança climática, deixa os bifés na prateleira e escolhe a massa vegetal. Bois e vacas estão ainda mais felizes! Eles não morreram!

Definitivamente, você se sente maravilhoso. O *Novo Você* é ótimo. Você vai então para uma longa corrida no bairro (por sua saúde!), ajuda uma senhora idosa a atravessar a rua (por bondade!), assiste a um documentário (por conhecimento!), lê as notícias (por cidadania!) e vai para a cama. Que grande dia! Mas quando você

vai para a cama, você olha para o teto. Algo o incomoda. O que você fez de “bom”? Você sente que fez algumas boas ações, mas também achou que era uma boa ideia usar um chapéu com uma estampa de zebra na festa da empresa no ano passado, e todos sabem como isso acabou.

Imagine agora que você poderia convocar algum tipo de Contador Universal para lhe dar um relatório matemático e onisciente do resultado que você alcançou. Depois de avaliar seu dia ato por ato e fazer as contas com sua Boa Calculadora Universal, o Contador lhe dá más notícias. Aquele copo de plástico que você colocou no lixo? Ele acabará no oceano e se juntará à ilha de plástico do tamanho do Texas que ameaça a vida marinha no Pacífico. (Você leu sobre isso antes de ir para a cama, mas pensou que não tinha nada a ver com isso.) A massa vegetal foi enviada para sua loja local a partir de um armazém bem distante, portanto sua pegada de carbono é enorme, e as vacas que você pensava estarem livres estão realmente presas em uma fazenda fabril, porque a definição legal de "alimentado com grama" é vergonhosamente ampla, com leis escritas por lobistas agrícolas. As vacas não estão felizes; elas estão tristes.

Mas há pior: os tênis que você estava usando enquanto fazia jogging são feitos em uma fábrica onde os trabalhadores são pagos com 4 centavos por hora. O autor do documentário que você assistiu é um perverso que gosta de farejar os cabelos de estranhos no subsolo e o serviço de *streaming* que você assistiu é parte de um conglomerado internacional que também faz drones assassinos para os militares norte-coreanos. Ah, e a velha senhora que você ajudou a atravessar é uma colecionadora de artefatos e de lembranças do nazismo. "Mas ela parecia tão simpática", diz você. Não, ela é uma nazista! Além disso, ela estava fora comprando coisas nazistas quando você a ajudou.

Eis o balanço. Nada do que se orgulhar. Você queria fazer o bem, à sua maneira pequena, e o mundo lhe deu uma bofetada na cara. É

claro que você está com raiva. Você tinha boas intenções, fez esforços. Isso não deveria importar pelo menos um pouco? Você, no entanto, fica desanimado. Você não pode fazer muito mais do que estes pequenos gestos, não é um daqueles bilionários capazes de estabelecer uma fundação global e, com tudo o mais que você já está ocupado diariamente, como você teria tempo, dinheiro e energia para pensar em ética?

Em resumo: ser bom é impossível. Portanto, não vale a pena tentar. Mais vale comer hambúrgueres cheios de hormônios, jogar nosso lixo diretamente no oceano e desistir. Foi uma experiência divertida. O que acontece agora?

A maioria das pessoas pensa ser "boa" e gosta de ser percebida como tal. Como resultado, a maioria delas (se tiverem escolha) preferiria fazer algo de "bom" do que de "ruim". Mas nem sempre é fácil determinar o que é bom e o que é ruim neste mundo confuso, cheio de escolhas complicadas, armadilhas e maus conselhos de amigos supostamente confiáveis, como aquela idiota da Wendy, aquela que lhe disse que o chapéu listrado era "feio, mas fofo" e o convenceu a comprá-lo.

E mesmo que você pudesse navegar no campo minado da vida moderna sendo uma "boa pessoa", você é apenas *uma* pessoa! Nosso planeta carrega, por enquanto, *oito bilhões* delas, e muitas parecem não se importar em ser boas pessoas. Há políticos corruptos, chefes desonestos, pessoas que não catam o cocô de seu cachorro na calçada, ditadores boçais e aquela idiota da Wendy (será que ela se diverte ao ridicularizá-lo?), então é difícil não se perguntar se uma pessoa "de bem" tem algum sentido. Ou, para usar as palavras que empreguei ao começar a ler filosofia moral e a pensar na confusão insensata e intratável que é o nosso mundo: o que devo fazer?

Essa pergunta - como viver uma vida ética? - tem atormentado as pessoas por milhares de anos, mas nunca foi tão difícil responder

como hoje, devido aos grandes e pequenos desafios que invadem nossa vida diária e ameaçam nos afogar em uma massa de decisões impossíveis, com consequências imprevisíveis. Além disso, caminhar para uma "vida ética" envolve introspecção diária, e isso dá trabalho; você tem que se perguntar como ser bom não uma vez por ano ou por mês, mas o tempo todo. Para tornar tudo isso menos esmagador, este livro se propõe a reduzir todo este desnorteamento a quatro perguntas simples a serem feitas a nós mesmos, sempre que nos depararmos com um dilema ético, grande ou pequeno: o que fazemos? Por que o fazemos? Poderíamos fazê-lo de maneira diferente e melhor? Como melhor?

A busca de respostas a estas quatro perguntas resume a filosofia moral e a ética. E se o Contador do Bem Universal tem más notícias para nós, eis algumas boas notícias: há muito tempo os filósofos vêm pensando nestas questões. Eles têm respostas para nós; ou, pelo menos, têm ideias que podem nos ajudar a formular nossas próprias respostas. Se conseguirmos superar a prosa densa de muitos filósofos, que nos dá imediatamente dor de cabeça, poderemos nos armar com suas teorias, usá-las quando tivermos que tomar decisões e ser um pouco melhores hoje do que fomos ontem.

Eu me interessei por filosofia moral quando quis criar uma série de TV chamada *The Good Place*. Se você já viu, vai reconhecer muitas das ideias deste livro, porque já as exploramos na série. E se você ainda não viu: (A) saiba que estou insultado, (B) estou brincando, (C) não se preocupe! Porque o objetivo deste livro é levá-lo na viagem que fiz, desde o cara que não sabia quase nada sobre o assunto até o cara que foi capaz de escrever um livro sobre ele (ou, pelo menos, convencer uma editora de que poderia).

Eu me apaixonei pela ética por uma razão simples: quase tudo o que fazemos possui um componente ético, quer o realizemos ou não. Isto significa que devemos nós mesmos entender o que é ética e como ela funciona, quanto mais não seja para não estragarmos

tudo o tempo todo. Compartilhamos este planeta com outras pessoas. Nossas ações os afetam. Se nos preocupamos com eles, precisamos entender como tomar as melhores decisões possíveis.

Outra coisa que eu adoro na ética é que ela é gratuita! Você não precisa de um diploma para ser ético, e não há uma assinatura mensal para tomar boas decisões. Pense no mundo como um museu e nas regras éticas como guias voluntários e silenciosos neste museu. Andamos por ele olhando fotos (nesta metáfora: situações moralmente confusas); algumas nós entendemos, outras não, porque são borradas, abstratas, confusas. E quando vemos algo cuja interpretação é mais difícil, basta perguntar à simpática senhora que nos acompanha sobre aquilo que estamos olhando e o que isso significa, e ela nos dirá graciosamente!

É claro que podemos simplesmente acenar e fingir que entendemos - uma tradição que tem seus seguidores, tanto nos museus quanto na vida - mas haverá coisas ainda mais confusas na sala ao lado, por isso é melhor tentarmos dar sentido ao que temos diante de nós neste momento.

Antes de começar, tenho mais algumas boas notícias. O próprio fato de estarmos confrontando estas ideias e fazendo estas perguntas indica que já demos um passo crucial: decidimos nos preocupar com o que estamos fazendo, se é bom ou se é mau. Não se trata de coisa pouca.

Uma rápida olhada ao redor e vemos muitas pessoas que não se importam com a ética. Eles nem sequer tentam. Não as culpo tanto, pessoalmente, porque tentar ser um agente moral decente no universo - uma maneira chique de dizer: "alguém que tenta fazer a coisa certa" - nos condena ao fracasso. Mesmo que façamos o nosso melhor, falharemos. O tempo todo. Tomaremos uma decisão pensando que é certa e boa, apenas para descobrir que estávamos errados. Faremos alguma coisa pensando que ela não afetará ninguém e nos apercebemos do contrário, tendo de viver com as

consequências. Feriremos os sentimentos de nossos amigos, prejudicaremos o meio ambiente, apoiaremos empreendimentos nocivos, ajudaremos até acidentalmente uma velha mulher nazista a atravessar a rua. Falharemos, de novo e novamente.

Neste jogo que jogamos todos os dias, queiramos ou não, o fracasso é garantido – mesmo obter um resultado passável muitas vezes parece estar fora de alcance. Ainda que preocupar-se com o que fazemos – ou, em termos mais modernos, dar a mínima – possa parecer inútil. Mas esta falha tem mais significado e valor potencial quando nos preocupamos com o que fazemos. Porque, ao nos preocuparmos com a ética, também queremos entender porque falhamos, o que nos dá mais chances de sucesso no futuro. O fracasso dói, é embaraçoso, mas é também como aprendemos - chama-se "tentativa e erro", e não se pode simplesmente tentar uma vez, acertar, sem necessidade de voltar atrás.

E depois? Qual é a alternativa? Ignorar as questões levantadas por nosso comportamento? Não se preocupar muito com questões morais? Eu não acho que isso seja desejável. Se há uma coisa que nos deve preocupar nesta vida é se o que estamos fazendo é certo ou errado (mais tarde, falaremos de um grupo de franceses sombrios que pensavam que Deus não existe e que não somos nada além de nada flutuando no espaço sobre uma grande rocha inerte - bem, até mesmo eles se recusaram a jogar a ética fora).

Este livro é um relato de minha exploração da filosofia moral, mas também será sobre aceitar o fracasso - até mesmo acolhê-lo - porque é o corolário de nossos esforços para tentar, aprender e melhorar. Portanto, nos perguntaremos o que fazer em certas situações e tentaremos responder com ideias que têm 2.400 anos, e outras que foram propostas quase ontem.

Começaremos com as coisas fáceis para introduzir estas ideias - o que dizem, que perguntas fazem, como afirmam nos tornar pessoas melhores se as enfrentarmos. Então, vamos acelerar e aplicar o que

aprendemos a problemas mais complexos, para os quais precisaremos usar novas ideias. E ao final deste livro, saberemos exatamente o que fazer em cada situação concebível para produzir o máximo de bem moral em todos os momentos. Então seremos perfeitos. As pessoas olharão para nós com uma mistura de medo e admiração. Nossos amigos ficarão ciumentos.

Estou brincando: vamos continuar falhando o tempo todo. Mas, como eu disse, isso não importa! Então vamos começar a falhar. Ou, nas palavras de Samuel Beckett: "Tentar novamente. E ainda errar. Mas errar melhor".